

CAROLINA MARIA DE JESUS LEITORA: DIMENSÕES E ALCANCE DA LEITURA DA PALAVRA E DO MUNDO NA FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

THE READER CAROLINA MARIA DE JESUS: DIMENSIONS AND POWER OF THE WORD AND THE WORLD IN THE FORMATION OF SUBJECTIVITY

LA LECTORA CAROLINA MARIA DE JESUS: DIMENSIONES Y ALCANCES DE LA LECTURA DE LA PALABRA Y DE MUNDO EN LA FORMACIÓN DE LA SUBJECTIVIDAD

Daniela de Almeida Nascimento¹

Resumo: Em *Diário de Bitita* (1986), Carolina Maria de Jesus, que havia ficado conhecida devido à publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), narra sua infância e juventude na cidade de Sacramento-MG e arredores entre os anos de 1914 e 1937. A partir da perspectiva infantil de Bitita (seu apelido infantil), Carolina de Jesus se constitui narradora e autora da sua própria história, recusando o silenciamento e (re)afirmando múltiplos aspectos de sua identidade – mulher, negra, brasileira, herdeira e participante de uma ancestralidade africana e intelectual. Tendo como base concepção de leitura como trabalho psíquico de Michèle Petit (2009; 2013), da leitura do mundo de Paulo Freire (2009), assim como do direito à literatura de Antonio Candido (2004), investiga-se de que forma a leitura e a relação com os livros são fundamentais para a construção da subjetividade e humanização da autora-narradora-personagem em um contexto de exclusão social demarcado por questões de gênero, raça e classe.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; leitura; subjetividade.

Abstract: In *Bitita's Journal: The Childhood Memoirs of Carolina Maria de Jesus* (1998), the author, who had become known due to the publication of *Child of dark* (1960), narrates her childhood and youth in the city of Sacramento –MG and its surroundings between the years of 1914-1937. From the childish perspective of Bitita (her children's nickname), Carolina de Jesus becomes the narrator and author of her own story, refusing the silencing and (re)stating multiple aspects of her identity – female, black, Brazilian, heiress and participant of an African and intellectual ancestry. Based on the reading conception as a psychic work of Michèle Petit (2009; 2013), of world reading of Paulo Freire (2009) as well as the right to literature of Antonio Candido (2004), it is investigated how reading and the author's relation with the books are fundamental to the construction of subjectivity and humanization of the author-narrator-character in a context of social exclusion marked by gender, race and class issues.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; reading; subjectivity.

Resumen: En *Diário de Bitita* (1986), Carolina Maria de Jesus, que se había hecho conocida por la publicación de *Quarto de despejo* (1960), narra su infancia y juventud en la ciudad de Sacramento-MG y alrededores entre los años 1914 y 1937. Desde la perspectiva de la niña Bitita (su apodo infantil), Carolina de Jesús se convierte en la narradora y autora de su propia historia, rechazando el silencio y (re) afirmando múltiples aspectos de su identidad – mujer, negra, brasileña, heredera y participante de una ascendencia africana e intelectual. Basado en la concepción de la lectura como obra psíquica de Michèle Petit (2009; 2013), de la lectura del mundo de Paulo Freire (2009), así como del derecho a la literatura de Antonio Candido (2004), este trabajo investiga cómo la lectura y la relación con los libros son fundamentales para la

¹ UNESP/FCLar.

construcción de la subjetividad y humanización del autor-narrador-personaje en un contexto de exclusión social demarcado por cuestiones de género, raza y clase.

Palabras clave: Carolina Maria de Jesus; lectura; subjetividad.

Introdução

É característico do gênero autobiográfico que o narrador retome o processo de aprendizagem da leitura, como uma espécie de justificativa da trajetória de vida que desemboca na escrita de si (MOLLOY, 2004). Este trabalho tem como objetivo analisar em *Diário de Bitita* (1986)² as passagens nas quais Carolina Maria de Jesus, a autora-narradora-personagem³, rememora sua árdua trajetória para se apropriar da cultura letrada, veladamente interdita para seu grupo social. A despeito de todas as adversidades, a narrativa desvela o quanto a leitura e a escrita servem como formadoras da subjetividade tanto por seu aspecto filosófico como também em sua materialidade, seja por meio do objeto livro que a pequena Bitita manuseia para ler e carrega com fascínio, seja como pela própria concretização, ainda que inacabado, do projeto literário da autora.

Alçada à fama por seu diário *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960)⁴, Carolina Maria de Jesus tornou-se alvo fácil para o sensacionalismo da grande mídia que, ora a rotulou como sublitteratura de uma semianalfabeta e apenas documento social, ora especulou sobre a possível fraude do livro, que seria de autoria de Audálio Dantas⁵, pois uma negra residente da favela não seria capaz de tamanha sofisticação poética. O não lugar da escritora na sociedade brasileira, a cidadania de segunda classe na favela do Canindé, passa também a ser um não lugar nas letras brasileiras. A inespecificidade de uma escrita surgida na margem do Rio Tietê, para onde se destinavam os detritos indesejados da maior capital do Brasil, resultou em uma hiper exposição da autora que não lhe garantiu plena inserção. Resiliente, depois do fracasso do segundo diário, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961)⁶, a escritora lança por conta própria mais dois volumes: *Provérbios* (1963)⁷ e o romance *Pedaços da fome* (1963)⁸, buscando se estabelecer como escritora profissional.

Quase uma década depois, já nos anos 1970, duas jornalistas⁹ obtêm os originais do que veio a ser publicado apenas postumamente em 1982 com o título de *Journal de Bitita*, na França e, apenas em 1986, *Diário de Bitita* no Brasil. Nesta obra, Carolina se (re)afirma como mulher negra, artista, escritora e, sobretudo, sujeito da sua própria história por meio da elaboração literária da sua trajetória desde o nascimento em 1914 até a chegada a São Paulo em 1937. A narrativa, embora não faça demarcação de datas, especifica eventos históricos e segue uma linha mais ou menos cronológica, da infância no interior: “Eu estava fazendo minha *avant-première* no mundo” (JESUS, 2014, p. 13), até a juventude, “No dia da viagem, não dormi para não perder o horário. O trem saía às sete horas, mas eu cheguei à estação às cinco. Que alegria quando embarquei! Quando cheguei à capital, gostei da cidade [...]” (JESUS, 2014, p. 205-206)

Assim, em *Diário de Bitita* desvela-se uma jornada singular que se idealiza e se concretiza por meio da leitura, uma experiência que buscamos abordar a partir de três pressupostos diversos para que seja possível abordar seu caráter multiforme que justifica tamanho impacto

² 1986 refere-se à primeira publicação da obra; 2014 à edição analisada nesse texto.

³ Na concepção de Philippe Lejeune (2014), expoente francês do estudo da autobiografia, além da narrativa da vida em retrospectiva, outra característica desse tipo de texto é a coincidência entre autor, narrador e personagem principal, daí a utilização do termo autora-narradora-personagem.

⁴ *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2015.

⁵ Jornalista que revelou Carolina de Jesus ao público e editou as duas publicações diarísticas da escritora.

⁶ *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.

⁷ *Provérbios*. São Paulo: [s. n.], [1963].

⁸ *Pedaços da fome*. São Paulo: Áquila, 1963.

⁹ A brasileira Clélia Pisa e a francesa Maryvonne Lapouge.

na construção narrativa. Procuramos analisar as diferentes dimensões da leitura que a justificam como principal ponto de inflexão na trajetória da narradora-personagem por meio de Paulo Freire (2009), Antonio Candido (2004) e Michèle Petit (2010; 2013).

A descoberta do mundo, o questionamento curioso acerca de seu funcionamento consiste no que Paulo Freire (2009) considera leitura do mundo, habilidade que antecede a inserção ao mundo letrado *per se*. O movimento crítico de buscar compreender o seu entorno tanto precede o acesso à decodificação da palavra e da linguagem escrita como também por ela se prolonga. Expressa-se uma leitura do mundo desde a disposição de descoberta característica da infância até a elaboração subjetiva da realidade circundante. Como se verá adiante, antes mesmo da alfabetização, a leitura de mundo particular de Bitita tem um caráter diferenciador que, no final das contas, justifica essa autobiografia – apenas uma vida notável é digna de ser narrada.

O processo de apreensão crítica do mundo estende-se e aprofunda-se por meio do acesso ao mundo letrado e à literatura. De acordo com Antonio Candido (2004, p. 174), a literatura é um direito humano básico, incompressível que, não garantido, coloca sob ameaça a integridade espiritual. Contrariamente a uma noção que hierarquize as necessidades básicas humanas, Candido defende o direito à literatura como arte, uma necessidade profunda do ser humano que desempenha um papel fundamental na formação da personalidade.

Nesse sentido é que antropóloga Michèle Petit (2010, p. 20) considera que a leitura de livros constitua um recurso à resistência contra os processos de marginalização uma vez que possibilita o desenvolvimento de autonomia e independência de discursos repressivos ou paternalistas. O próprio ato de ler, de buscar o livro, torna os leitores desfavorecidos socialmente mais agentes das suas próprias vidas pois, nesse processo, constroem-se a si mesmo e forjam um lugar próprio no tabuleiro da sociedade que os exclui (PETIT, 2010, p. 54). Essa construção de um lugar viabilizado pela e na leitura é uma questão recorrente no trabalho da autora, não apenas sob o ponto de vista social nas formas de se pertencer a uma sociedade, como também psíquico e simbólico, na possibilidade de se elaborar um espaço privado (PETIT, 2013).

Observaremos, assim, como aprender a ler opera uma mudança vital e determinante em toda a trajetória da protagonista de *Diário de Bitita* pois, ainda que sua escolarização formal consista em menos de dois anos, o acesso às letras contrapõe-se à penúria material e permite que a narradora-personagem vislumbre a si mesma com base em parâmetros distintos da sua realidade acachapante.

Da leitura de mundo à leitura da palavra

Nascida em Sacramento, interior de Minas Gerais, Bitita vivia com a mãe Cota e o irmão. Desde muito pequena, a menina inquietava-se com as contradições e problemas que presenciava e os questionava, fazendo, assim, sua leitura de mundo:

As minhas ideias variavam de minuto a minuto iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre azul não seria gracioso. Um dia perguntei a minha mãe: – Mamãe, eu sou gente ou bicho? – Você é gente, minha filha! – O que é ser gente? A minha mãe não respondeu. À noite eu olhava o céu. Mirava as estrelas e pensava: Será que as estrelas falam? Será que elas dançam aos sábados? Sábado hei de olhar para ver se elas estão dançando. No céu deve ter estrela mulher e estrela homem. Será que as estrelas mulheres brigam por causa dos homens? Será que o céu é só onde estou vendo? (JESUS, 2014, p. 15-16).

Os questionamentos da menina Bitita evocam a concepção de Paulo Freire (2009, p. 11) de leitura do mundo, uma antecipação da decodificação da palavra escrita na qual se apreende o mundo e sua realidade imediata:

O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e, a seguir, escreveram as palavras. Esses são momentos da história. Os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo (FREIRE; MACEDO, 2011, [n. p.]).

As injustiças e contradições testemunhadas pela pequena Bitita lhe causam estranhamento desde muito cedo e lhe impedem a indiferença ou resignação: “Minha mãe dizia que o mundo é assim mesmo. Fiquei furiosa: – Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é” (JESUS, 2014, p. 109). Essa leitura de mundo se torna *palavramundo* (FREIRE; MACEDO, 2011) mediada pela leitura da palavra escrita, com a qual Carolina entra em contato por meio do senhor Manoel Nogueira:

Na cidade, o homem-humano que estava no centro era o senhor Manoel Nogueira. Era mulato. E o mulato é o meio-termo da sociedade. Convive com os brancos e com os pretos. E com o nome de Nogueira deveria ser filho de algum doutor de Coimbra. O senhor Nogueira passava o dia com os brancos porque era oficial de Justiça. E ao entardecer ele sentava-se na porta de sua casa e lia o jornal O Estado de São Paulo para nós ouvirmos trechos que foram ditos pelo Rui Barbosa; por exemplo, que cada estado deveria ceder terras para os negros cultivarem. Mas esse projeto não foi aprovado (JESUS, 2014, p. 44).

A deferência conferida à leitura e ao leitor em si, como bem demarca a utilização de “senhor” a cada menção de Manoel Nogueira, vinha do avô: “O vovô chegava do trabalho, jantava e ia ouvir o senhor Manoel Nogueira ler os fatos que ocorriam no mundo” (JESUS, 2014, p. 47) E também:

O meu avô tinha desgosto porque os filhos não aprenderam a ler e dizia:
– Não foi relaxo da minha parte. É que na época que os seus filhos deveriam estudar não eram franqueadas escolas para os negros. Quando vocês entrarem nas escolas, estudem com devoção e esforcem-se para aprender.
E nós, os netos, recebíamos as palavras do vovô como se fossem um selo e um carinho (JESUS, 2014, p. 60).

Africano cabinda e ex-escravizado, “foi o preto mais bonito que já vi em minha vida. Que lindo nariz, a testa e a boca eram magníficas!” (JESUS, 2014, p. 124). Benedito José da Silva impressionava não apenas a neta, mas toda comunidade por sua habilidade com as palavras que remete também à leitura de mundo:

As pessoas que iam visitar o vovô saíam comentando:
– Que homem inteligente. Se soubesse ler, seria o Sócrates africano. Outros comentavam:
– Foi um crime não educá-lo. Esse homem seria o Homem!

Poderiam criar uma lei de educação geral, porque as pessoas cultas que adquirem conhecimento do seu grau intelectual têm capacidade para ver dentro de si (JESUS, 2014, p. 122).

Ao final do excerto, a crítica ao crime de não se haver alfabetizado o avô é tanto da fala das personagens quanto da narradora, que se posiciona quanto à questão da alfabetização como um direito humano, como o concebe Antonio Candido em “O direito à literatura” (2004). Direito esse também negado à maior parte da população de Sacramento, que era analfabeta¹⁰, como a narradora constata, apontando ainda as especificidades de seu grupo social: “Eu notava que os pretos não sabiam ler. Nunca vi um livro nas mãos de um negro” (JESUS, 2014, p. 123). O acesso ao mundo letrado em meados da década de 1920 para uma menina negra era muito restrito, como os excertos abaixo explicitam:

No ano de 1925, as escolas admitiam alunas negras. Mas quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos.

As professoras aceitavam os alunos pretos por imposição. Mas se o negro não passava de ano, as mães iam procurar as professoras e diziam:

– A senhora não deixou meu filho entrar no segundo ano porque ele é negro, mas ele já sabe ler e escrever o a-b-c. Os filhos de Júlio Barges passaram de ano, as netas de José Afonso também. Se eu pudesse com mau olhado estragar a vida de uma professora como a senhora!

– As professoras não respondiam. Compreendiam que havia mentalidades opostas. Uma pessoa culta e uma pessoa inculta não chegavam a uma concórdia. Elas diziam que toda profissão tem seu lado negativo. Depois exclamavam:

– Os abolicionistas, veja o que fizeram! Essa gente agora pensa que pode falar de igual para igual. Eu, na época da abolição, tinha mandado toda essa gente repugnante de volta para a África.

[...]

Tinha uma negrinha, Isolina, que sabia ler. Era solicitada para ler as receitas. Eu tinha inveja da Lina! E pensava: Ah! Eu também vou aprender a ler, se Deus quiser! Se ela é preta e aprendeu, por que é que eu não hei de aprender? (JESUS, 2014, p. 42-46).

O ciclo de analfabetismo da família, no entanto, é rompido por intermédio de uma patroa, para quem a mãe da menina lavava roupas. Assim, mesmo com certa hesitação da mãe, a menina Bitita é matriculada em uma escola espírita beneficente:

Minha mãe foi lavar roupa na residência do senhor José Saturnino, e a sua esposa dona Mariquinha disse para a minha mãe me pôr na escola. Minha mãe foi falar com a professora. Eu acompanhava. Quando entramos na escola, fiquei com medo. Nas paredes havia uns quadros do esqueleto humano. O salão era amplo e as classes eram nos cantos. O período matinal era destinado ao quarto ano.

[...] Quando eu olhava os quadros dos esqueletos, o meu coração acelerava-se. Amanhã, eu não volto aqui. Eu não preciso aprender a ler. É que eu estava revoltada com os colegas de classe por terem dito quando eu entrei:

– Que negrinha feia! Ninguém quer ser feio.

– Que olhos grandes, parece sapo.

¹⁰ Problema comum ao restante do país, pois, segundo o censo de 1920, 71,2% da população do Brasil não era alfabetizada (FERRARO, 2002).

Minha mãe era pobre. Dona Maria Leite insistiu com mamãe para enviar-me à escola. Eu fui apenas para averiguar o que era escola (JESUS, 2014, p. 125)

A experiência escolar expõe a menina a mais episódios de injúrias raciais. Além disso, a ir à escola implica também outras mudanças na realidade da menina:

Quando entrei na escola, eu ainda mamava. Quando senti vontade de mamar, comecei a chorar.

– Eu quero ir-me embora. Eu quero mamar.

A minha saudosa professora, dona Lonita Solvina, perguntou-me:

– Então a senhora ainda mama?

– Eu gosto de mamar.

Os alunos davam gargalhadas.

– Então a senhora não tem vergonha de mamar?

– Não tenho!

– A senhora está ficando mocinha, tem que aprender a ler e escrever, e não vai ter tempo disponível para mamar porque necessita preparar as lições. Eu gosto de ser obedecida. Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus! Fiquei furiosa e respondi com insolência:

– O meu nome é Bitita.

– O teu nome é Carolina Maria de Jesus. Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome [...] (JESUS, 2014, p. 126-127).

A perda da ligação direta com a mãe, a zombaria das outras crianças e a descoberta do próprio nome completo são algumas rupturas a serem enfrentadas por Bitita para frequentar a escola. Porém, mesmo que utilizando estratégias pouco ortodoxas, a professora Lonita termina por estabelecer um vínculo afetivo que convence a personagem-narradora a continuar e, por fim, insere-a no universo letrado:

Continuei indo à escola. Porque o comparecimento era obrigatório. Mas não me interessava pelos estudos. A minha professora insistia para eu aprender a ler. Me dirigia um olhar carinhoso. Eu achava tão difícil aprender a ler. Implorava a minha mãe para não deixar eu ir à escola.

– Eu não quero aprender a ler.

Ela ouvia-me e me dava duas chicotadas. Eu ia contra a minha vontade. Eu era preguiçosa. Quando eu faltava à aula, a professora mandava um aluno ir procurar-me em casa. Quando eu chegava à escola, a dona Lonita, dizia:

– A senhora é tão inteligente, procure aprender a ler. Esforce a sua cabeça.

A única letra que aprendi a escrever facilmente foi o “o”, e nos meus cadernos eu escrevia só a letra “o”, e dizia:

– A rodinha é mais fácil.

Ela percebendo que eu não me interessava pelos estudos desenhou no quadro-negro um homem com um tridente nas mãos que transpassava uma criança e disse-me:

– Dona Carolina, este homem é o inspetor. A criança que não aprende a ler até ao fim do ano, ele espeta no garfo. No fim do ano, ele vem aqui e eu vou apresentá-la a ele e pedir-lhe que dê um jeito na senhora, porque a senhora não quer estudar. Ele há de espetá-la no garfo.

Aquele desenho impressionou-me profundamente. Eu olhava o desenho e olhava o livro. Sonhava com o desenho e gritava:

– Mamãe! Olhe o inspetor! Mande o inspetor ir-se embora, que eu juro que hei de estudar. Eu vou aprender a ler. Não deixe ele espetar-me no garfo.

Mamãe dizia: – Dorme, menina! Você está delirando! Decidi estudar com assiduidade, compreendendo que devemos até agradecer quando alguém quer nos ensinar. Compreendi que estava sendo indelicada com a dona Lonita, cansando-lhe a paciência.

O desenho permaneceu no quadro por três meses. Depois percebi que já sabia ler. Que bom! Senti um grande contentamento interior! Lia os nomes das lojas! “Casa Brasileira, de Armond Goulart.” Não é só essa loja que é uma casa brasileira. Mas as casas, as árvores, os homens que aqui nascem, tudo pertence ao Brasil. Percebi que os que sabem ler têm mais possibilidades de compreensão. Se desajustarem-se na vida, poderão reajustar-se. Li: “Farmácia Modelo”. Fui correndo para casa. Entrei como os raios solares.

Mamãe assustou-se. Interrogou-me:

– O que é isso? Está ficando louca?

– Oh, mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler!

Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance *Escrava Isaura*. Eu, que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidi que deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, e os que são cultos não aceitam o jugo da escravidão (JESUS, 2014, p. 127-128).

Assim, a leitura da palavra se torna um elemento central da vida da menina Bitita que passa a ler o mundo também com a mediação das palavras escritas. Os livros e a leitura passam a figurar como atividade cotidiana: “Era a primeira a deixar o leito para ir à lavoura. Nas horas vagas, eu lia Henrique Dias, Luís Gama, o mártir da Independência, o nosso Tiradentes. [...] Lendo, eu ia adquirindo conhecimentos sólidos” (JESUS, 2014, p. 133).

A leitura e a construção da subjetividade

De difícil acesso, os livros que chegam à jovem Carolina nem sempre são literários ou mesmo selecionados a partir do interesse da própria leitora. Mesmo assim, exercem fascínio sobre ela e possibilitam que sua compreensão do mundo se amplie, como ocorre com a descoberta de um dicionário onde ela descobre que um comentário sobre sua aparência, realizado um pouco antes, era um elogio:

Um dia, remexendo nos caixotes, encontrei vários livros e um *Dicionário Prosódico*, de João de Deus. Era a primeira vez que via um dicionário. Quando compreendi a finalidade do dicionário, procurei a palavra níveos, e sorri satisfeita, porque tinha algo atraente: os meus dentes (JESUS, 2014, p. 176).

O dicionário, tão útil e oportuno em um primeiro momento, na volta à cidade natal, acaba por gerar mal entendidos. Em um país cuja abolição havia mudado apenas o status legal da população mais vulnerável, o dicionário, ganhado na casa onde trabalhou como empregada doméstica, lhe rende mais um infortúnio:

Eu sentava no sol para ler. As pessoas passavam, olhavam o dicionário e diziam:

– Que livro grosso! Deve ser o livro de São Cipriano.

Era o único livro que os incientes sabiam que existia e existe. Começaram a propalar que eu tinha um livro de São Cipriano. E comentavam:

– Então ela está estudando para ser feitiçeira, para atrapalhar a nossa vida. [...] Quando a minha mãe soube, avisou-me:
– É melhor você parar de ler esses livros, já estão falando que é livro de são Cipriano, que você é feitiçeira.
Eu dei uma risada estentórea. As pessoas que ficam esclarecidas e prudentes sabem conduzir-se na vida. “Eu quero sarar para sair daqui para não mais voltar” (JESUS, 2014, p. 180).

O *Livro de São Cipriano, o bruxo*¹¹ é a única referência de livro que os populares conheciam. Aliado ao analfabetismo e à incapacidade de saber sobre o que se tratava, há também a problemática de gênero relacionada ao fato de uma mulher ocupar espaços públicos manuseando livros. Segundo Antonio Candido (2004, p. 176), “nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco”. Essa ambivalência, essa suspeita do ato de ler, acentua-se em uma sociedade em que o analfabetismo era generalizado:

Um dia estava lendo, passaram uns rapazes, pararam e pediram para ver o meu dicionário, entreguei o livro para eles olharem. Olharam e disseram:
– Ah, é mesmo o livro de são Cipriano. Como é pesado. Percebi que eles eram pernósticos e fiquei com dó, porque a leitura beneficia tanto o homem como a mulher. [...]
Quando eles saíram, foram contar para o sargento que eu o havia xingado de farrapo, dizendo que eles prendiam somente os pobres. O sargento era compadre de minha prima Leonor, e deu ordem aos soldados para me prender. [...] Assustei-me quando vi os policiais. Eles pararam na minha frente e deram ordem de prisão. Não perguntei por que estava sendo presa. Apenas obedeci. Minha mãe interferiu, dizendo que eu não estava fazendo nada de errado. – Cale a boca! E você também está presa [...] (JESUS, 2014, p. 180-181).

A arbitrariedade da prisão explicita uma sociedade iletrada de cunho patriarcal e escravocrata na qual Carolina de Jesus é criminalizada tanto por sua condição vulnerável de mulher, negra, pobre, quanto por ousar desafiar essa mesma sociedade, na qual mesmo o ato de portar um livro é considerado subversivo:

À uma hora da tarde nos recolheram e o sargento foi interrogar-me:
– Você anda lendo o livro de são Cipriano. Pretende botar feitiço em quem?
– Eu não creio no feitiço, e não tenho o livro de são Cipriano.
– Eu tenho.
E deu-me o livro para olhá-lo e folheá-lo. Eu gostava imensamente de livros e peguei o livro com carinho e cuidado, como se estivesse pegando uma criança recém-nascida. Mas estava nervosa para ler.
– Dizem que a senhora sai à noite e fica vagando pela cidade. [...] Um soldado de nome Isaltino me xingava:
– Essa vagabunda vive viajando. Moça direita não viaja. Diz que vai para São Paulo (JESUS, 2014, p. 182-183).

À infração da leitura em público, alia-se a problemática da errância em busca de emprego – as viagens que mulher direita não poderia realizar – e o sonho de ir para “a grande capital do país” e contrariar o seu “destino” de mulher negra e pobre do interior. Nesse sentido, até mesmo

¹¹ Uma coletânea de feitiços, rituais e encantamentos mágicos medievais atribuídos ao bruxo que, segundo lendas populares, se converteu ao cristianismo.

essa aspiração de Carolina remonta à leitura: “O meu desejo era perguntar ao senhor Manoel Nogueira quem é que sabia tudo aquilo que estava no jornal. Ele havia explicado que o jornal era impresso em São Paulo” (JESUS, 2014, p. 47-48).

Nesse episódio do dicionário, a personagem-narradora é interpelada, mais uma vez, com a ignorância, racismo e machismo de uma sociedade que tenta, a todo custo, assujeitá-la. Enquanto migra de cidade a cidade à procura de trabalho e condições dignas de vida, é por meio da leitura que a jovem Carolina de Jesus forja sua subjetividade, delinea seu futuro e encontra abrigo psíquico. Segundo Michèle Petit,

Essa leitura é transgressiva: nela o leitor volta as costas aos seus, foge, ultrapassa a soleira da casa, do lugarejo, do bairro. É desterritorializante, abre para outros horizontes, é um gesto de distanciamento, de saída. E sobretudo quando se trata da leitura de obras literárias, pois na origem de muitos contos, romances e relatos vemos um herói ou uma heroína que se afasta de sua família, de sua casa, e supera uma proibição (PETIT, 2013, p. 42).

Ainda de acordo com a antropóloga francesa, a leitura é um mecanismo de elaboração de um espaço psíquico próprio, íntimo, privado, sobretudo em contextos sociais adversos. A possibilidade de vislumbrar um futuro na cidade de São Paulo surge, para Bitita, nas páginas dos jornais e dos livros. Segundo Michèle Petit:

E de modo decisivo, a literatura ajuda a dar forma aos lugares onde viver, a se lançar e abrir caminho. Página e país têm a mesma etimologia. Um mapa (como aquele presente quando os jovens desmobilizados ouvem as lendas), um tratado de astronomia, páginas web de filatelia, um diário de viagem em um blog às vezes dão a idéia de que o mundo é vasto e que poderíamos encontrar um lugar. Todavia, as obras literárias esbanjam paisagens sem conta, incitando cada um a compor a sua própria geografia. Contos, lendas, livros ilustrados, romances oferecem uma topografia, balizam o espaço, abrem-no para o exterior. Vários escritores procuraram até mesmo recriar por seus próprios meios "um espaço para si, no qual se mover, respirar, se instalar, morar, viver", precisamente porque lhes fez falta [...] (PETIT, 2009, [n. p.]).

Por isso, o distanciamento da realidade acachapante e a perspectiva de partir de Sacramento que a leitura proporciona à jovem Carolina de Jesus constitui, ainda que simbolicamente, uma espécie de teto todo seu¹².

Considerações finais

Em uma sociedade em que a própria existência está ameaçada, Carolina de Jesus encontra nos livros, mesmo com todos os obstáculos e impedimentos, uma possibilidade de construção simbólica: “Esse espaço criado pela leitura não é uma ilusão. É um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de um lugar de sujeito” (PETIT, 2013, p. 43).

Uma vez que a organização social lhe nega o acesso a espaços sociais dignos de moradia e trabalho no interior e também na cidade grande, para além da leitura, Carolina de Jesus constrói para si um espaço de existência por meio da escrita na qual não apenas denuncia a precariedade das condições de vida no Brasil como também exercita sua criatividade e seu lirismo, na poesia, no conto, no romance, no drama e na narrativa autobiográfica.

¹² Referência ao ensaio de Virginia Woolf, *Um teto todo seu* (1929).

Com vistas a elaborar uma trajetória de resistência via construção literária, a autobiografia *Diário de Bitita* pode ser lida como parte de um projeto literário caroliniano cuja fundação remonta à leitura de mundo da pequena Bitita, passa pela leitura do jornal do senhor Manoel Nogueira, pela professora Lonita e no qual Carolina Maria de Jesus rejeita seu “destino” e se inscreve como leitora, mas também como autora da sua própria história, demarcando literariamente sua identidade como escritora, mulher, negra, brasileira e herdeira de uma ancestralidade africana. Não se trata, portanto, de um exercício espontâneo e gratuito de escrita: a narrativa retrospectiva busca dar um sentido de totalidade aos fragmentos da existência compondo, literariamente, o amálgama entre autora, narradora e personagem.

Para concluir, uma ressalva. Não se pode ser ingênuo e acreditar que leitura em si, ou mesmo a literatura, poderá resolver os problemas do mundo. A própria trajetória de Carolina Maria de Jesus é um exemplo da persistência e continuidade da exclusão social, não obstante a escritora tenha encontrado na leitura e na escrita um espaço de criação e subjetividade. Porém, por séculos a leitura tem sido privilégio da classe dominante e isso não resulta em sociedades mais justa ou mais iguais. Então, para quê a leitura? Outra vez, com a palavra, Michèle Petit:

Temos direito a uma história, porém, temos também direito à metáfora, ao desenraizamento, ao desvio, à ampliação de nosso universo cultural. E a leitura pode ser justamente um caminho privilegiado para nos oferecer ambas as coisas, para nos permitir conjugar vários universos (PETIT, 2013, p. 139).

Ou ainda:

[...] não pode ser considerado luxo ou uma faceirice o fato de se poder pensar a própria vida com a ajuda de palavras que ensinam muito sobre si mesmo, sobre outras vidas, outros países e outras épocas. E isso por meio de textos capazes de satisfazer um desejo de pensar, uma exigência poética, uma necessidade de relatos, que não são o privilégio de nenhuma categoria social. Trata-se de um direito elementar, de uma questão de dignidade (PETIT, 2013, p. 51).

Portanto, a leitura e a literatura colocam-se como bens culturais fundamentais, direitos humanos que, mais que frações da experiência social, constituem uma experiência vital incompressível na economia da narrativa *Diário de Bitita* e além dela.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

FERRARO (FERRARI), Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os Censos? *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização, leitura do mundo, leitura da palavra*. Trad. L. L. Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. *E-book*.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. NORONHA J. M. G. (Org.). Trad. J. M. G. Noronha e M. I. C. Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica*. Trad. A. C. Santos e S. Santiago. Chapecó: Argos, 2004.

PETIT, Michele. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Trad. A. Bueno e C. Boldrini. Campinas: Editora 34, 2009. *E-book*.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. C. O. Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Trad. C. O. Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

Sobre a autora

Daniela de Almeida Nascimento. Mestre e doutoranda em Estudos Literários na UNESP/FCLar. Licenciada em Letras nas áreas de português e inglês pela UFSCar.

E-mail: adanielanascimento@gmail.com.